

Enunciados Metadiscursivos em Entrevistas do Banco de Dados Iboruna

METADISCURSIVE EXPRESSIONS IN IBORUNA DATABASE'S INTERVIEWS

Solange de Carvalho **Fortilli***

Resumo: Neste artigo, analisamos enunciados metadiscursivos, que são manifestações evidentes do processamento comunicativo, no sentido de que estampam no texto a atividade enunciativa, instaurando o discurso como objeto de discurso (JUBRAN, 2003). Considerando que a situação comunicativa pode moldar as expressões metadiscursivas, tomamos como objeto de investigação entrevistas do banco de dados sociolinguísticos Iboruna, as quais têm características como a determinação prévia dos tipos de texto a serem produzidos, a definição dos papéis interacionais de cada falante e a assimetria entre os mesmos, o que significa que as contribuições dos participantes, apesar de estarem na mesma situação comunicativa, são distintas entre si. Mostraremos que essa peculiaridade do que chamamos de entrevista para coleta de dados linguísticos promove uma série de expressões voltadas a diferentes negociações acerca da atuação dos envolvidos e do desenvolvimento do discurso, como o início ou mudança de tópicos discursivos, condições para o prosseguimento de turnos, dentre outras, as quais constituem enunciados metadiscursivos.

Palavras-chave: Metadiscurso. Assimetria interacional. Entrevistas.

Abstract: In this article, we analyze metadiscursive expressions as overt manifestations of communicative processing since they stamp in the text enunciative activity establishing speech as object-to-speech (JUBRAN, 2003).

* Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto (2013). Professora Doutora Adjunto II na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Contato: fortilli@yahoo.com.br.

Whereas the communicative situation can frame the metadiscourse we take as the object of investigation Iboruna database's interviews which have characteristics such as prior determination of the types of text to be produced, the definition of the roles of each speaker and interactional asymmetry between them, that means, despite they being in the same situation, their contributions are different. We show that these features what we call interviews for linguistics data collection motivate a series of expressions related to different negotiating about the performance of participants and speech development, as the start or change topics discursive, conditions for the speech's continuation, among other.

Keywords: Metadiscourse. Interactional asymmetry. Interviews.

Introdução

A metadiscursividade é considerada, nos trabalhos de Jubran (2003, 2005a, 2005b, 2008), como um procedimento caracterizado pela instituição do próprio discurso como objeto de discurso, na medida em que promove a ativação, no texto, de referentes relacionados ao próprio ato enunciativo de que fazem parte. A situação comunicativa é, de acordo com essa vertente, instituída com base em determinadas condições socioculturais, já que a linguagem é parte da interação social.

Essa forma de olhar o metadiscorso está ligada a um tratamento que aborda o texto em sua dimensão interacional e que, dessa forma, tem como base a pragmática. Essa última considera a língua como uma forma específica de comunicação social, o que implica estudá-la em situações comunicativas de uma sociedade em conjunto com outras práticas não linguísticas. Nesse sentido, o texto é considerado não como produto estanque de uma interlocução, mas como processo dinâmico sujeito a fatores interacionais. Além disso, essa abordagem observa no texto a atuação dos conhecimentos sociointeracionais, que são condição para o exercício da linguagem e englobam os conhecimentos ilocucional, comunicacional e metadiscursivo.

Tendo em mente essas noções, analisamos, neste artigo, enunciados metadiscursivos encontrados em entrevistas do banco de dados Iboruna, constituído dentro do projeto *Amostra Linguística do Interior Paulista (Alip)*.

Destinadas à obtenção de amostras de fala para pesquisas sociolinguísticas, essas entrevistas têm características interacionais muito particulares, que podem ser relacionadas às funções que as expressões metadiscursivas assumem dentro delas.

A primeira parte do artigo é dedicada às concepções de metadiscurso, portanto, apresentamos diferentes tratamentos dispensados a esse fenômeno linguístico. Na segunda parte, caracterizamos as entrevistas, em especial as que compõem o banco de dados sociolinguísticos selecionado como corpus deste estudo. Na terceira parte, analisamos as relações entre as especificidades da situação comunicativa estabelecida nessas entrevistas e os traços das expressões metadiscursivas por elas motivadas. Seguem essa análise nossas considerações finais.

Concepção de Metadiscurso

De acordo com Jubran (2008), “o metadiscurso é comumente caracterizado por promover uma auto-reflexividade discursiva, na medida em que reporta o discurso ao ato de enunciação que o cria”. Em expressões metadiscursivas, há uma evidente ambivalência, no sentido de que, ao mesmo tempo em que constituem o discurso, comportam-se como glosas sobre ele.

Já Borillo (1985), no seu modo de entender o metadiscurso, define-o como “um discurso centrado sobre o código, mas o código tomado em sentido amplo, remetendo tanto à estrutura da língua enquanto sistema quanto à sua ativação em situação de comunicação” (p. 49). Destaca-se uma considerável ampliação da abrangência dos usos contemplados pelo conceito de metadiscurso, já que se inserem também sob esse rótulo as referências às condições enunciativas do discurso, aos propósitos e estratégias do locutor. Borillo (1985) afirma que qualquer discurso faz alusão à sua enunciação, porém ressalva que há enunciados em que essa projeção da enunciação no texto é mais marcada, o que torna possível afirmar que a referenciação metadiscursiva tem a característica de *evidenciar* no texto a atividade enunciativa em curso, focalizando a *mise-en-scène* da ação comunicativa.

Esse autor subdivide as modalidades de manifestação do metadiscurso em três categorias, em uma tentativa de correlacionar as formas de

manifestação a determinadas funções por elas cumpridas. Há, assim, três tipos de práticas metadiscursivas: a) a que faz referência ao discurso, especificando aspectos do código em uso na elaboração do texto; b) a que se refere ao discurso como fato enunciativo, para explicitar algumas de suas condições, ligadas à gestão do diálogo, tendo em vista sua inteligibilidade; c) a que se refere ao discurso como construção de enunciados, para explicitar seu desenvolvimento, sua estratégia e organização argumentativa.

O estudo de Borillo (1985) especifica quais aspectos da constituição do texto podem ser abordados por enunciados metadiscursivos, ao mesmo tempo que mostra que dados referentes à própria situação comunicativa e à relação entre os interlocutores também podem emergir no discurso por meio de práticas metadiscursivas.

Já Koch (2004), ao abordar diferentes operações de processamento textual, afirma que

... os interactantes põem em ação um conjunto de estratégias de construção de sentido, entre as quais se contam as estratégias textuais-interativas, que têm como objetivos, entre outros, facilitar a compreensão, introduzir esclarecimentos/exemplificações, aumentar a força retórica do texto, dar relevo a certas partes dos enunciados, como também modalizar aquilo que é dito ou, por vezes, refletir sobre a própria enunciação. Desta forma, podem-se considerar três conjuntos dessas estratégias: as formulativas, as metaformulativas e as metadiscursivas (KOCH, 2004, p. 103).

São denominadas estratégias metadiscursivas aquelas que tomam por objeto o próprio ato de dizer. Para essa autora, os enunciados metadiscursivos têm um estatuto diferente dos enunciados portadores de conteúdo informacional, pois são visivelmente ligados ao plano da atividade discursiva, revelando a potencialidade da linguagem para dobrar-se sobre si mesma.

Conscientes dos diferentes tratamentos dispensados ao fenômeno, selecionamos, para nosso trabalho, a abordagem de Jubran (2005a, 2005b, 2006, 2008), por conceber a linguagem

... como uma forma de ação, uma atividade verbal exercida entre pelo menos dois interlocutores, dentro de uma localização contextual, em que um se situa reciprocamente em relação ao outro, levando em conta circunstâncias de enunciação. Ressalta-se, assim, a visão de linguagem como manifestação de uma competência comunicativa, definível como capacidade de manter a interação social, mediante a produção e entendimento de textos que funcionam comunicativamente (JUBRAN, 2006, p. 28).

Entendemos que essa visão sobre a linguagem condiz com os objetivos de nosso trabalho de analisar a língua em uso, como parte da capacidade do falante de estabelecer a interação social.

Nos trabalhos de Jubran (2005a, 2005b, 2008), encontramos um enfoque do metadiscurso que leva em conta a referência, tomada não como uma representação dos objetos do mundo operada por meio da língua, mas como um processo em que os referentes, ou objetos de discurso, “são elaborados pelos sujeitos em um processo dinâmico e intersubjetivo, ancorado em práticas discursivas e cognitivas situadas social e culturalmente, bem como em negociações que se estabelecem no âmbito das relações interacionais” (JUBRAN, 2005b, p. 219).

Conceber dessa maneira os referentes atualizados no discurso implica considerar a “instabilidade constitutiva” (MONDADA; DUBOIS, 2003) dos objetos de discurso, enxergando-os como dados não prontos que são apreendidos e reelaborados pelos falantes via interação. Mais do que isso, essa visão sobre os objetos de discurso exige que se fale não em referentes, mas em referência, a fim de tornar claro que o ato de referir traz em si um processo, já que “as opções lexicais se reconstroem e se amoldam ao que está sendo negociado entre os interlocutores, dependendo de seus propósitos enunciativos” (CAVALCANTE; RODRIGUES; CIULA, 2003, p. 10).

Assim, em um evento comunicativo, os participantes instauram um processo de referência¹, pelo qual constituem entidades do universo discursivo sobre o qual falam. Portanto, esse processo implica uma atividade

¹ Apenas a referência metadiscursiva será objeto deste trabalho e não o processo de referência como um todo.

enunciativa, que pode vir a ser explicitada na materialidade linguística do texto, de modo que o discurso focaliza o seu próprio processamento no âmbito de uma interação verbal. Nesse caso, manifesta-se o metadiscurso, pela sua propriedade de autorreflexividade discursiva.

A partir dessas considerações, Jubran (2005b) propõe cinco modalidades de metadiscurso, as quais servem de base à nossa análise das ocorrências selecionadas:

- a) referências à elaboração do texto, no que diz respeito à sua formulação linguística, como comentários ou avaliações da propriedade ou não do uso de uma palavra; indicação de mudança de registro; sinalização de relevo que o falante atribui a uma determinada informação; explicitação da referência conferida a um item lexical, ou de seu grau de abrangência;
- b) referências à estruturação tópica do texto, em termos de montagem e progressão textual: indicação do tópico discursivo a ser abordado, marcação do esquema de composição do texto, sinalização de introdução e de finalização de um tópico discursivo, sinalização de interrupção, inserção de parênteses e retomada tópica, indicação do estatuto discursivo de um fragmento do texto (resumo, tese, definição, conceito etc.);
- c) referências às instâncias coprodutoras do texto (locutor e interlocutor), que se marcam no texto a fim de estabelecer condições dialógicas para assegurar o intercâmbio verbal: atribuição de qualificações aos interlocutores para discorrerem sobre o tópico discursivo em curso, manifestação de interesse ou de desinteresse em relação ao assunto em pauta, indicação de outras fontes enunciativas do discurso para apoio ou refutação de argumentos ou mesmo para preservação de face, evocação de conhecimento partilhado, instauração de convivência com o interlocutor, interpelação ao interlocutor com respeito ao entendimento de sua fala, preocupação com a compreensão do que é dito;
- d) referências aos papéis discursivos assumidos pelos interlocutores na dinâmica da interação verbal, ou aos papéis socioinstitucionais de que eles são revestidos, os quais se constituem como o lugar institucionalizado a partir do qual exercem seu discurso;

- e) referências ao próprio ato comunicativo em processo, quanto às suas contingências de realização: estabelecimento da natureza que deve assumir a interação (debate, consenso, conversa fiada etc.), estabelecimento de condições para realização ou prosseguimento do evento comunicativo, avaliação do modo pelo qual se processa o ato comunicativo, negociações de várias ordens sobre como conduzir o evento comunicativo, como a de tópicos a serem abordados, ou de turnos.

A Entrevista para Coleta de Dados Linguísticos

Uma das mais relevantes características das entrevistas é que, apesar de constituírem formas de comunicação face a face, as quais são geralmente não planejadas, contam com uma espécie de preparação prévia, o que, por um lado, não impede o surgimento de procedimentos linguísticos próprios da fala e, por outro, torna bastante peculiar a maneira como o informante conduz seu discurso. Uma dessas peculiaridades recai sobre a ciência dos falantes sobre a não espontaneidade daquela situação comunicativa, o que pode gerar expressões metadiscursivas, que denunciam, sobretudo, uma maior preocupação do entrevistado com a clareza e a precisão de sua fala e a recuperação de informações acordadas nos momentos de planejamento da gravação.

Barros (1991), ao caracterizar os papéis reservados aos interactantes de uma entrevista, destaca que o entrevistador é o sujeito que quer saber e que, para obter determinados conhecimentos, deve levar o entrevistado a falar. Além disso, “o entrevistador escolhe o tópico e a direção da conversação: quando ou como parar, a distribuição dos turnos e assim por diante” (BARROS, 1991, p. 257). Por outro lado, o entrevistado geralmente conserva o turno por mais tempo, pois é a ele que se quer ouvir. As formas de atuação, estipuladas e destinadas a cada participante em específico, fazem com que a entrevista seja uma interação assimétrica, pois os papéis dos participantes, apesar de estarem na mesma situação comunicativa, são distintos entre si.

A assimetria na interação é explicada por Marcuschi (1991, p. 16), que mostra que, “ao contrário dos diálogos simétricos, encontrados nas conversas diárias e naturais, as entrevistas são consideradas assimétricas porque um dos

participantes tem o direito de iniciar, orientar, dirigir e concluir a interação, além de exercer pressão sobre o(s) outro(s) participante(s)”.

Nas entrevistas, os participantes possuem um papel discursivo caracterizado por um conjunto de deveres e direitos comunicativos e um papel social, determinado pelas ações e representações que revelam uma identidade social na comunidade. Ao se colocarem nesse tipo de interação, os interlocutores reconhecem e mostram-se de acordo com as peculiaridades das posições assumidas por cada um. De posse desses papéis interacionais, os participantes vão construindo os sentidos do texto, em um sistema que leva em conta normas conversacionais e sociais partilhadas, negociações e concessões de diversas naturezas (FÁVERO; ANDRADE, 1999).

Eventualmente, há situações em que se invertem os papéis destinados a entrevistador e entrevistado, em decorrência da personalidade de cada um ou de outros papéis sociais assumidos por eles: se entrevistador e entrevistado têm, por exemplo, a mesma profissão, não raro os dois estabelecem turnos com a mesma duração e dirigem perguntas mutuamente, enfraquecendo os papéis interacionais previamente acordados. Nesses casos, estão em conflito, ou em relação, os papéis sociais e interacionais que cada falante traz a cada situação de comunicação.

As características mais gerais das entrevistas não impedem que elas se dividam em algumas modalidades, dentre as quais destacamos as entrevistas de natureza científica, que têm como objetivo deixar o entrevistado falar, a fim de captar em seu discurso algum aspecto previamente estipulado, o qual vai depender da especificidade de cada pesquisa. Interessam-nos, nesse trabalho, as entrevistas científicas para fins de pesquisa linguística, nas quais os entrevistadores, ou documentadores, não estão primariamente preocupados com as informações que o entrevistado tem a dar sobre o tema em questão, mas apenas em fazer com que o informante fale, ou seja, importa mais *como* o participante fala do que o conteúdo por ele enunciado. O objetivo desse tipo de entrevista é estabelecer “uma conversa, a mais informal possível” (SILVA, 2007, p. 125); por isso, espera-se que apenas o entrevistador saiba exatamente que o ponto a ser observado é a língua, pois é desejável que “o informante não preste atenção a sua maneira de falar” (TARALLO, 2003, p. 21).

Outra singularidade desse tipo de interação é que, muito frequentemente, os participantes - informante e documentador - não fazem

parte da mesma comunidade de fala. Como o método de entrevista é bastante utilizado em pesquisas de natureza sociolinguística, em que há especial interesse na influência de fatores sociais (tais como sexo, idade, escolaridade e renda) no uso da língua pelos falantes, o documentador-pesquisador deve buscar entrevistar indivíduos com diferentes perfis no que diz respeito a esses fatores, o que exige que sejam contatados membros de diferentes grupos linguísticos. Em alguns casos, o documentador-pesquisador precisa interagir com falantes para os quais sua presença e sua maneira de falar não são corriqueiras, nem tampouco seus instrumentos de trabalho (microfone, gravador, diários).

Em Urbano e Preti (1988, p. 7), encontramos ideias que reforçam as características das entrevistas para pesquisa linguística, formuladas por comparação com outros gêneros dialogados, como a conversação:

- 1) planejamento conversacional, característico das entrevistas, por parte do documentador, e presença de gravador, circunstâncias que criam certo formalismo, com reflexos na linguagem²;
- 2) relacionamento assimétrico entre os participantes, com a interação orientada pelo documentador. Este, muitas vezes, procura quebrar esse formalismo tentando facilitar um diálogo interativo e uma fala natural do entrevistado. Mesmo assim, fica difícil reconhecer, nessas entrevistas, dois interlocutores que se alternam regular e espontaneamente, como deveria ocorrer em uma estrutura realmente dialógica;
- 3) intersubjetividade ou intercâmbio esporádico (perguntas raras e breves do documentador, como longos turnos do informante, que representam respostas, porém descaracterizadas como tais).

Nosso material de análise, as entrevistas do banco de dados sociolinguísticos Iboruna, tem como objetivo fornecer dados para trabalhos de descrição do português brasileiro, na sua variedade falada no interior do estado de São Paulo (contemplando, além de São José do Rio Preto, as cidades vizinhas Bady Bassitt, Cedral, Guapiaçu, Ipiruá, Mirassol e Onda Verde). Sediado na Universidade Estadual Paulista (UNESP) de São José do

² O documentador procura utilizar estratégias para que a comunicação estabelecida com o informante seja natural e informal; porém, ao expressar-se em uma situação tão diferenciada, este último pode optar por um modo de falar mais formal.

Rio Preto, o banco de dados fica à disposição dos interessados na descrição linguística feita a partir de manifestações reais da linguagem inserida no contexto social (GONÇALVES, 2008).

O Iboruna comporta dois tipos de amostras: a Amostra Censo (AC), com entrevistas em que participam apenas o informante e o documentador, gravadas com o consentimento do primeiro, e a Amostra de Interação (AI), de gravações secretas, com vários informantes conversando. Para a AC, os informantes selecionados deveriam produzir cinco tipos de texto, seguindo o seguinte roteiro: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, texto descritivo, relato de procedimentos e relato de opinião. O uso desse roteiro, negociado previamente entre os interlocutores, proporcionava ao informante a oportunidade de falar de temas com os quais se identificava, facilitando o desenvolvimento de seu discurso e, possivelmente, estabelecendo uma comunicação mais informal, em que seu verdadeiro modo de falar poderia se manifestar. Além disso, o uso do roteiro auxiliava na delimitação de um certo tempo de fala, evitando que os participantes gastassem muito tempo com um só tipo de texto.

Vale mencionar que os documentadores dessas interações eram alunos do curso de Letras da UNESP de São José do Rio Preto, selecionados pelos docentes responsáveis pelo projeto. Esses alunos encontravam-se em diferentes fases do curso, mas tinham em comum o conhecimento e o interesse pela língua falada, lapidado pelas discussões, cursos e treinamentos anteriores ao início das gravações (GONÇALVES, 2003). Durante o treinamento, um dos aprendizados era quanto à necessidade de intervir o mínimo possível, apenas quando notasse que a entrevista estava “morrendo” antes do esperado e estimular o entrevistado a falar, porém evitando que a interação se tornasse um interrogatório. Outra orientação era fazer um preparo prévio do roteiro da entrevista, levando em conta o perfil do informante: sua idade, gênero, interesses pessoais etc.

Como o objetivo deste trabalho é o de mostrar particularidades do uso do metadiscurso em situação de relação interacional assimétrica em entrevistas, selecionamos a AC e, para obtermos certa homogeneização dos dados quanto à quantidade e à desenvoltura no discurso, optamos por utilizar as amostras de falantes de 26 a 35 anos com ensino superior, o que soma oito entrevistas. Uma observação prévia nos mostrou o grau de ocorrência

do fenômeno, o que nos tornou cientes da possibilidade de trabalhar com uma pequena parte do corpus e, mesmo assim, obter uma boa quantidade de dados, suficientes para mostrar o metadiscorso em vários de seus desdobramentos.

O Metadiscorso e as Negociações entre Informante e Documentador nas Entrevistas do Iboruna

Um primeiro procedimento metadiscursivo que, pela sua recorrência, aponta uma especificidade das situações de fala especialmente criadas para a AC, consiste na sistemática explicitação do tópico a ser desenvolvido, enunciada pelo informante após o comando típico do documentador das entrevistas. É o que se vê nos dados a seguir, com indicação, entre parênteses, do número da Amostra Censo e da linha onde se detecta a ocorrência:

(01) Doc.: eu gostaria agora que você escolhesse algum tema... que você acha interessante falar sobre e tal né?... e falasse qual o seu posicionamento em relação a ele... por exemplo se você acha que é bom ou se é ruim ou etc e falasse porque você tem tal opinião

Inf.: ah... *eu queria falar um pouco sobre:: um tema que:: foi bastante abordado agora nas eleições de outubro... que:: é em relação... a:: transporte sobre radares né?... (...)* eu sou totalmente favorável ao radar porque:: como um professor meu dizia na faculdade não há é cidadão... mais educado e menos educado há aquele melhor fiscalizado e pior fiscalizado... (AC 81, 260)

(02) Doc.: eu gostaria assim que cê você me contasse alguma coisa que aconteceu com você assim que te marcou que ficou marcado pra você que você nunca num vai esquecer mais pode ser uma coisa... algo alegre que aconteceu com você ou algo triste... tá?

Inf.: bom... *eu vou falar de um é uma FASE que aconteceu na minha vida... éh:: que na verdade começou e eu espero que dure muito tempo ainda que é relacionada com... a maternidade...* eu acho que as mulheres elas têm normalmente uma... um instinto maternal muito grande... e durante um uma fase BOA do tempo a mulher sempre vive... se preocupando com com isso... né? é uma coisa muito natural... ela quer ter filhos né? (AC 82, 7)

(03) Doc.: você poderia... éh... me contar assim... relatar algo que... que alguém tenha contado pra você... pode ser algo de... de bom ou algo de ruim que alguém tenha te contado... e que você queira contar pra mim?

Inf.: *sim... então eu vou contar algumas histórias... que eu ouço desde pequena... meu pai costuma contar muito pra gente... principalmente quando a gente era... me/ menor... a respeito dos seus avós... paternos... como eles se conheceram* então os meus... avós... por parte do/ do/ do/ do:: meu pai... éh por parte da mãe... eles vieram da Espanha... (AC 82, 115)

(04) Doc.: eu queria que cê me contasse agora uma história que tenha acontecido com você... que cê tenha achado interessan::te alegre triste... constrangedora

Inf.: ah na verdade *eu vou contar de como eu conheci a minha... minha mulher... a família dela se mudou pra pra Guapiaçu... e:: o... PAI dela éh conheceu meu pai numa relação de trabalho* (AC 83, 5)

(05) Doc.: eu queria que cê me contasse agora uma história que tenha acontecido com outra pessoa e que essa... outra pessoa que te contou que cê num tava presente

Inf.: *éh eu vou falar... sobre o meu pai umas histórias que ele contava da da/ me conta sobre a infância dele éh quando/ ele ele é de mil novecentos e quarenta e qua-tro... quando/ ele morava no sítio... éh:: então quando ele ia pra escola éh:: aconteceram algumas coisas assim que eu acho que são até interessantes... éh:: uma das vezes que ele tava indo pra escola ele ia de bicicleta éh com/ com a irmã dele* (AC 83, 100)

Antes de analisarmos a fala do informante, destacada nas ocorrências, é pertinente lembrar que expressões metadiscursivas são comuns na fala do documentador. Isso porque é ele quem instiga a fala do outro, usando para isso uma variedade de referentes ligados à própria atividade comunicativa, como “você poderia me contar” (em 03), “eu queria/gostaria que você me contasse” (em 02, 04 e 05). Risso e Jubran (1998) assinalam que “a própria natureza do papel discursivo do documentador implica o desencadeamento de atos de fala centrados no fazer discursivo, uma vez que, enquanto

alimentador do diálogo, o documentador tem o discurso como objeto de sua fala”.

O informante, por sua vez, não inicia seu turno sem antes negociar e, em alguns casos, justificar o tópico discursivo que irá desenvolver. Essa negociação consiste na explicitação do tema e de alguns dados gerais sobre seu desenvolvimento, como se vê em (05), retomado aqui:

*“eu vou falar sobre o meu pai umas histórias que ele contava da da/ me conta sobre a infância dele êh::... êh:: quando/ ele ele é de mil novecentos e quarenta e qua-tro... quando/ ele morava no sítio... êh:: então quando ele ia pra escola êh:: *aconteceram algumas coisas assim que eu acho que são até interessantes...* êh:: uma das vezes que ele tava indo pra escola ele ia de bicicleta êh com/ com a irmã dele”*

A estratégia utilizada pelo informante, de explicitar o tópico discursivo a ser abordado (JUBRAN, 2005b), está ligada à assimetria presente na entrevista, pois, diante do pesquisador que propõe o roteiro e organiza a situação comunicativa, o informante busca assegurar a adequação do tópico escolhido aos objetivos da pesquisa. Enquanto ele adianta e justifica o tópico a ser desenvolvido, abre oportunidades para que o outro interfira e reencaminhe a interação, o que não deixa de ser uma busca de convivência com o documentador. Há, inclusive, muitas marcas relevantes do processamento textual, que deixam mais clara a assimetria entre os participantes: ao elaborar seu discurso, o informante apresenta várias hesitações³ (marcadas pelas reticências e palavras como *êh*), contextos propícios para que o documentador retome o turno caso seja necessário, o que demonstra a cautela do informante e seu “respeito” às regras que regem essa interação, demonstrado pelo fato de ele estar disposto a ceder o turno a qualquer momento em nome do seu bom andamento.

Nas entrevistas investigadas neste trabalho, foram selecionados outros 12 casos semelhantes aos apresentados de (01) a (05), em que se têm enunciados metadiscursivos que consistem no anúncio do tópico a ser desenvolvido. Pela familiaridade que temos com o banco de dados, podemos

³ Sobre Hesitações, como processo textual-interativo, ver trabalho de Marcuschi (1999).

afirmar que tal atitude do informante é muito recorrente em todas as entrevistas, o que cria uma característica marcante da situação de fala instaurada para a coleta dos inquéritos do Iboruna, independentemente do tipo de texto solicitado.

Observe-se a ocorrência (06):

(06) (...) ela (a M. L.) ainda nem sabia o nome dela então eu passava tudo de caneta pegava na mão... fazia o a o traçado do A ensinava o traçado todo aquilo que minhas crianças já já tão:: cansada de saber
Doc.: já sabe pôr aquilo né?
Inf.: isso... eu fiz tudo com ela então mostrei
Doc.: era uma atenção especial ali a ela
Inf.: mas claro claro... e a classe era uma classe super trabalhosa de comportamento... sabe? mui::to trabalhosa... eu tive alunos que brigavam... eu tive um aluno de treze anos... ele veio pra cá de:... de:... de Minas... de Belo Horizonte (...) *mas deixa eu terminar a história da M. L. que eu te conto a história do M...* aí a gente conseguiu explicar pra mãe que o trabalho tinha sido feito conforme a M. L. estava rendendo...
(AC 86, 710)

Em (06), o informante, por meio do enunciado metadiscursivo em destaque, explicita uma reorganização necessária àquele momento da fala, o qual retoma um tópico e anuncia aquele que virá em seguida. Consciente do fato de que a situação de comunicação exige que sua fala seja gravada para, posteriormente, ser analisada, o informante gerencia muito bem a sequência e a inteligibilidade de seu discurso, em uma estratégia também ligada à estruturação tópica do texto.

A relevância de pontuar e enfatizar a escolha do tópico nas entrevistas do Iboruna está relacionada tanto à assimetria entre os interlocutores quanto ao fato de a entrevista conter “perguntas raras e breves do documentador, como longos turnos do informante, que representam respostas, porém, descaracterizadas como tais” (URBANO; PRETI, 1988). Isso quer dizer que as perguntas do documentador não são exatamente perguntas, mas gatilhos para que o informante tome a palavra e produza seu discurso, o qual costuma ser bastante longo e monológico, devido ao objetivo das

entrevistas, que é que o informante fique à vontade e exponha tanto quanto possível seu vernáculo. Reconhecendo tais características, o informante nomeia e pontua bem o tópico que será alvo de sua fala por um longo tempo, buscando estabelecer um equilíbrio e evitar possíveis interferências ou equívocos na situação em que se encontra, situação de fala atípica e não natural.

Nesse contexto, evidenciam-se “referências aos papéis discursivos assumidos pelos interlocutores na dinâmica da interação verbal, ou aos papéis socioinstitucionais de que eles são revestidos” (JUBRAN, 2005b). Apesar de ser aquele que precisa ser ouvido, o informante não é o principal responsável pela organização e gerenciamento da comunicação, o que se comprova, por exemplo, pela responsabilidade do documentador de estar atento ao roteiro, controlar, de certa forma, o tempo de cada tipo de texto e reencaminhar o discurso em caso do não atendimento do comando. Mesmo assim, no decorrer da interação, o informante sugere novos tópicos e pode encaminhar a conversa à sua maneira, porém buscando sempre uma certa concordância do outro, marcada, no exemplo (06), pela “parada” destinada a reorganizar sua fala.

Ainda com relação aos papéis de entrevistador e entrevistado na interação, selecionamos o seguinte dado:

(07) (...) aí eu falei – “mas porque você quer ir no banheiro das meninas?” – e aí ele só falava que eu que tinha mandado né?... Aí a classe – “NÃO... num é pra ir no banheiro das meninas é que o banheiro dos meninos está quebrado... então quem tiver apertado vai ter que usar o banheiro das meninas” – e aí ele... ficou meio sem graça mas acabou indo ao banheiro... (*deu?*) ((gravação interrompida)) bom *então eu posso falar de outro aluno agora?*

Doc.: pode

Inf.: ah então tá ((risos))... eu vou falar de um aluno que eu gosto muito dele... (AC 88, 92)

Nessa ocorrência, a assimetria entre os falantes manifesta-se, primeiramente, pelo controle exercido pelo documentador quanto ao tempo: no momento em que o informante julga já ter falado o suficiente, busca

confirmar isso com o documentador, por meio da indagação “deu?”. Essa partícula evidencia a assimetria interacional entre os interlocutores, no sentido de que aquele que é entrevistado busca uma autorização junto ao entrevistador para finalizar seu turno, procedimento que não é característico de outras interações face a face. Além disso, a motivação para tal pergunta baseia-se no conhecimento do informante, adquirido na preparação para a entrevista, sobre a necessidade de produzir textos com tamanho compatível aos objetivos e possibilidades do Iboruna. Essa conscientização prévia fica declarada nos diários de campo do Iboruna, material no qual os pesquisadores descrevem o que podemos entender como “bastidores” de seu trabalho científico.

A glosa do transcritor da entrevista revela que houve aí uma pausa, talvez destinada à checagem, por parte do documentador, da quantidade de fala que já se encontrava gravada. Diante da constatação de que se podia gravar mais alguns minutos, o documentador, munido de seu papel sociointeracional, autoriza o informante a continuar. Este, por sua vez, negocia o novo tópico com o documentador, por meio da pergunta “então eu posso falar de outro aluno agora?”.

Nesse caso, torna-se ainda mais interessante a dinâmica dos papéis sociocomunicativos destinados a cada participante da entrevista. Em um primeiro momento, chama a atenção o fato de que, mesmo conhecendo o papel do outro como organizador da situação comunicativa, o informante acaba por explicitar sua vontade na interação, propondo um tópico além daquele solicitado pelo documentador, dando, de certa forma, seu próprio direcionamento à comunicação. Todavia, fica claro também que o informante, em vez de iniciar seu novo tópico, pede autorização ao documentador quanto à adequação dessa sua proposta à situação comunicativa, em uma operação que acaba por voltá-lo à posição que seu papel discursivo lhe destina: o de atender aos comandos do pesquisador.

Outros enunciados metadiscursivos encontrados também se configuram como momentos em que os papéis discursivos dos participantes da entrevista interferem no rumo da interação:

(08) Doc.: e assim de quando cê era pequena também cê num num tem nada assim que você... algum evento que tenha te marcado?

Inf.: quando criança?... ((pensa por um tempo)) *nossa num consigo me lembrar* ((risos))

Doc.: *então tá bom* (AC 84, 75)

Em (08), identifica-se o que Marcuschi (1991) chama de “pressão” exercida por um falante sobre o outro: o documentador tenta instigar o entrevistado a narrar alguma história que lhe tenha acontecido, incentivando-o com exemplos de situações que poderiam suscitar tal narrativa. O entrevistado, por sua vez, não atende a esse comando do outro; ao contrário, os únicos enunciados produzidos têm como função principal referir-se ao seu próprio fazer discursivo, revelando a impossibilidade do prosseguimento daquele tópico que lhe fora proposto, já que ele não se lembra do algo que possa se tornar um tópico discursivo.

O documentador também produz uma expressão metadiscursiva, pois seu conteúdo (“então tá bom”) denota uma autorização para o informante não desenvolver um tópico, não tomando para si o turno conversacional que lhe fora destinado. Ambas as expressões (“não consigo lembrar” e “então tá bom”) são exemplares de uma negociação ocorrida no âmbito das interações produzidas para fins de coleta de dados, tendo como foco os ajustes necessários à manutenção da interlocução. É sabido que um exagero na pressão exercida pelo pesquisador para que o outro fale pode provocar a inibição deste último e levá-lo a, de alguma maneira, intimidar-se fortemente, a ponto de não desenvolver mais sua fala, a qual é o alvo do documentador.

A situação impõe também o uso da polidez, pois, na entrevista, “É preciso que haja empatia entre os interlocutores e sua manutenção está diretamente relacionada às estratégias de polidez” (FÁVERO; ANDRADE, 1999, p. 13). Segundo Leech (apud FÁVERO; ANDRADE, 1999, p. 12), ordenar é um procedimento que entra em conflito com a polidez; portanto, o documentador não poderia obrigar o informante a falar quando o último alega não se lembrar de nada para contar. Se o documentador insistisse e o pressionasse a falar, poderia ser criada uma situação de tensão e inibição, o que não é desejável em uma situação de comunicação que costuma ser pouco natural e frágil em trocas de informações, envolvimento intersubjetivo e conhecimento partilhado (FÁVERO; ANDRADE, 1999).

Outras formas de manifestação de automonitoramento da fala do informante ocorrem também no Iboruna:

(09) (...) diz que ele gostava muito de passear... gostava muito de contato com os netos né? e ele sempre... éh menciona essas essas situações... tanto que os meus tios e a minha AVÓ... éh... paterna... eles todos estudaram num colégio interno e eu quando eu era pequena... éh eu ia sempre pra essa fazenda da minha avó e chegava à tarde assim a gente ia pro... pro pomar *já fugi do tema né?* nós íamos pro pomar... e ela me contava as coisas de quando... de como ERA a infância dela... (AC 82, 164)

(10) Doc.: e cê sabe fazer alguma co/... outra coisa assim? que que cê aprendeu da época da faculdade? alguma coisa que cê lembra como que faz?

Inf.: da época da faculdade o que eu mais gostava de fazer era a parte de cálculos *então fica um pouco chato falar* mas éh...

Doc.: como que faz? (AC 83, 277)

Temos, em (09), uma expressão metadiscursiva que, além de se referir à estruturação tópica do texto, contribui para o estabelecimento de condições para o prosseguimento do evento comunicativo. O informante, preocupado em atender a solicitação do documentador para produzir uma narrativa, insere a construção metadiscursiva com a indagação “já fugi do tema né?” como meio de checar tanto a receptividade do outro para com seu discurso quanto a possibilidade de continuá-lo. Com essa estratégia, o informante procede a um automonitoramento de sua fala, dando oportunidade ao ouvinte de redirecioná-la ou operar qualquer outro tipo de orientação necessária. Mais uma vez, mostrar-se atento ao encaminhamento da situação comunicativa, cuidando de sua adequação e clareza, parece importante para o informante nessa situação comunicativa, em que o outro não é um de seus pares rotineiros de comunicação e sua fala está, de certo modo, sendo observada.

Em (10), vemos uma possível referência ao próprio ato enunciativo, já que, além de evidenciar uma negociação sobre a escolha do tópico discursivo, a expressão metadiscursiva “então fica chato falar” é um julgamento do falante acerca do ato de discurso que poderá ser produzido se ele desenvolver o tópico que tem em mente: seria algo chato, consideração que

parte da ideia comum de que assuntos relativos à matemática não são os mais usuais e agradáveis em uma “conversa”. A expressão está, portanto, ligada à cena e às condições enunciativas que o entrevistado reconhece naquele momento, pois a preocupação do informante vai além de adequar-se às necessidades da coleta de dados, relacionando-se também à preocupação com a compreensão que ele julga que o outro poderia ter de sua fala.

Nos dois casos, a oportunidade dada pelo informante para que o documentador faça intervenções, mostra que, apesar da assimetria interacional, “durante a entrevista, os participantes não apenas expressam suas ideias e opiniões, trocam informações, mas também - ao cumprir seus papéis - constroem juntos o texto” (FÁVERO; ANDRADE, 1999, p. 4). Daí o cuidado do informante em ser claro, adequado ao papel que lhe foi proposto como participante da composição de um banco de dados, permitindo a troca, o que poderia não ocorrer se ele optasse por um tópico tão próximo de si e tão distante do documentador, aluno do curso de Letras.

Os enunciados analisados, ao serem estampados nos mais variados tipos de texto das entrevistas do banco de dados linguísticos Iboruna, tornam bastante peculiares as situações comunicativas estabelecidas com a finalidade de composição das entrevistas. O metadiscurso, nesses casos, constitui momentos em que o discurso se volta a si mesmo, incidindo sobre pontos-chave desse tipo de interação, como a negociação de tópicos e a organização do discurso, primando pela clareza, o que passa pela marcação dos papéis discursivo e social de entrevistador e entrevistado.

Considerações Finais

Nas entrevistas para coleta de dados linguísticos, o fato de que o entrevistado deve falar “sozinho” por um longo tempo, já que o que se quer conhecer é sua linguagem, faz surgir a necessidade de negociar muito explicitamente alguns aspectos da interação. Além de se ver como protagonista da situação de fala, o entrevistado tem no pesquisador não um parceiro cotidiano das situações comunicativas, mas um elemento estranho à sua comunidade de fala, muitas vezes proveniente de outra esfera social e usuário de outra norma linguística.

A explicitação de cada escolha ou de cada mudança de tópico constitui-se como evidência de um ajustamento entre os participantes, explicado pelos seus papéis assimétricos, uma vez que são diferentes a maneira como devem se comportar e o quanto podem “ditar as regras” no discurso. A preocupação em negociar os tópicos a serem desenvolvidos exige que o informante aborde seu próprio ato de dizer, o que gera enunciados voltados, primordialmente, à própria comunicação. Pode-se dizer, assim, que as estratégias metadiscursivas ligadas à negociação de tópicos, de forma geral, são as mais típicas do tipo de interação que aqui abordamos, já que a operação mais relevante, dada a situação de fala apresentada ao informante, era adequar-se aos comandos do pesquisador quanto àquilo sobre o que devia falar.

Tais considerações nos permitem confirmar que as especificidades do contexto linguístico e social das interações que se estabelecem nas entrevistas destinadas à obtenção dos dados do Iboruna são evidenciadas na superfície dos textos, sob a forma de enunciados metadiscursivos.

Referências

BARROS, D. L. P. Entrevista: texto e conversação. In: SEMINÁRIO DO GEL, 39., 1991, Franca. *Anais...* Franca: Unifran, 1991. p. 254-261.

BORILLO, A. Discours ou metadiscours? *DRLAV Revue de Linguistique*, Paris, v. 32, p. 91-151, 1985.

CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O. Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas. In: PRETI, D. (Org.). *Estudos de língua falada: variação e confrontos*. São Paulo: Humanitas, 1998. p. 153-177.

GONÇALVES, S. C. L. *O português falado na região de São José do Rio Preto: constituição de um banco de dados anotado para seu estudo*. Projeto de Pesquisa. São José do Rio Preto: Unesp; FAPESP, 2003.

GONÇALVES, S. C. L. Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista): questões teóricas e metodológicas sobre a constituição de um banco de dados de língua falada. In: TAGNIN, E.; VALE, O. A. (Org.). *Avanços da linguística de corpus no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2008. p. 217-245.

GONÇALVES, S. C. L. *Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista*. Disponível em: <<http://bit.do/cWD83>>.

JUBRAN, C. C. A. S. O discurso como objeto-de-discurso em expressões nominais anafóricas. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 44, p. 93-103, 2003.

JUBRAN, C. C. A. S. A emergência da referenciação metadiscursiva em textos falados e escritos. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE ALFAL, 14., 2005, Monterrey - México. *Memorias...* Monterrey - México: Universidad de Nuevo León, 2005a. p. 167-175.

JUBRAN, C. C. A. S. Especificidades da referenciação metadiscursiva. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E.; BENTES, A. B. (Org.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005b. p. 219-241.

JUBRAN, C. C. A. S. Introdução – a perspectiva textual-interativa. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 27-36.

JUBRAN, C. C. A. S. Modalidades de metadiscurso em cartas e artigos científicos. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA – ALFAL, 15., 2008, Montevideu - Uruguai. *Actas...* Montevideu: Universidad de la República, 2008.

KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1991.

MARCUSCHI, L. A. A hesitação. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado*. v. 7. São Paulo: Humanitas; Campinas: Ed. Unicamp, 1999.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

RISSO, M. S.; JUBRAN, C. C. A. S. O discurso auto-reflexivo: processamento metadiscursivo do texto. *DELTA*, v. 14, n. esp., p. 227-242, 1998.

SILVA, G. M. O. Coleta de dados. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2007.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

URBANO, H.; PRETI, D. (Org.). *A linguagem culta na cidade de São Paulo*. v. 3. Diálogos entre informante e documentador. São Paulo: T. A. Queiroz; FAPESP, 1988.

Recebido em: 30/05/2015

Aceito: 20/10/2015